

EXPERIMENTANDO

Motrivivência Ano XVIII, Nº 26, P. 127-138 Jun./2006

EDUCAÇÃO FÍSICA E FORMAÇÃO HUMANA: uma reflexão a partir da Prática de Ensino e da vivência com a metodologia crítico superadora

Melina Silva Alves¹

Resumo

Este artigo realiza uma reflexão a partir da experiência vivenciada nas disciplinas de Prática de Ensino em Educação Física A e B, da Universidade Federal do Paraná, durante o ano de 2005. Após um semestre de observação das aulas nas turmas, optamos por desenvolver o trabalho com a dança a partir da Metodologia Crítico Superadora (Coletivo de autores: 1992); focando o ritmo, as Danças Populares do Brasil e a o Hip Hop como conteúdos. A partir deles tentamos desenvolver a disciplina pautada na realidade vivida pelas crianças e adolescentes das turmas, para possibilitar que cada uma/um delas/deles

Abstract

This article realizes a reflection experience living of Physical Education and Human Formation: a reflection practice of teaching and living with methodological critical superior during 2005. After whole semester observation of classes, we choose for development a work with dance with the Methodology Critical Superior (Coletivo de Autores: 1992); focus rhythms like a Brazilian Popular Dance and Hip Hop like a contents. So we try to development the discipline base on the living reality from kids and teenagers of classes, to make possible that each

¹ Licenciada pela Universidade Federal do Paraná, 2005.

construísse sua própria identidade, mas não deixassem de se enxergar dentro de um contexto da vida em sociedade; vendo também a dança e a si mesmos como partes de uma história de luta, dificuldades e resistência junto à possibilidade de construção de outras relações humanas que auxiliem no processo de transformação da nossa sociedade.

Palavras Chave: Educação Física Escolar, Ensino Fundamental, Metodologia Crítico Superadora.

one of them building your own identity but do not let seen inside of a context of life in society; observing too the dance and their own like a part of struggle, There is a possibility that the difficulty together can build the humane relationship and help the process of transformation in our society.

Key-words: school physical education; elementary school; critico-superadora methodology.

Para começar...

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se "amarrar nela"! Ora, é lógico... Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz!

(Parte do Poema de Paulo Freire, "Escola é...", encontrado na porta da sala de professores do Colégio onde realizei a Prática de Ensino).

Este artigo tem como objetivo refletir acerca da experiência vivenciada durante o ano letivo de 2005 com as disciplinas de Prática

de Ensino em Educação Física A e B, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Durante a construção do texto utilizei a primeira pessoa do singular ao tratar de reflexões pessoais e a primeira pessoa do plural ao tratar de reflexões construídas com a professora titular das turmas que acompanhei na escola. Para melhor organização do relato, utilizamos trechos do Diário de Observação (DO), produzido durante as referidas disciplinas. Realizamos a Prática de Ensino com duas turmas, uma de quinta e outra de sexta série do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Professor Julio Mesquita CTBAPR, entre os dias 03 de maio e 30 de novembro de 2005.

Para a realização da prática de ensino, organizamo-nos metodologicamente da seguinte forma: a partir da construção de uma análise de conjuntura seguimos para a escola e passamos a acompanhar

as aulas durante seis meses, durante a observação iniciamos o planejamento e após a construção deste, chegou o momento da intervenção. Problematicamos as nossas intervenções nas aulas e socializamos as vivências durante nossos encontros na universidade com o restante da turma de Prática de Ensino. Como finalização da disciplina, construímos um Seminário para socializar nossas experiências em um Espaço aberto na UFPR.

Temos o entendimento de que as aulas na escola não podem ser pensadas sem o contexto social em que nos inserimos, sem antes respondermos a algumas questões que devem permear qualquer prática pedagógica explicitamente: qual projeto de sociedade, de mulher e homem que defendemos? Sobre quais valores construímos nossa prática pedagógica? Qual a nossa concepção de Educação e Educação Física?

Para conseguirmos responder a estas questões que estão diretamente ligadas à prática de docência, iniciaremos o artigo com uma análise de conjuntura da sociedade onde estamos inseridos, pois para intervirmos nesta realidade é necessário que sejamos capazes de interpretá-la criticamente. Após realizar esta análise, já contextualizando a educação e a escola, contamos um pouco sobre a disciplina de Prática de Ensino em Educação Física den-

tro da fragmentação curricular e a trajetória da mesma no ano de 2005. Passamos então para o relato da observação, do planejamento e da intervenção na escola, pensando o conteúdo abordado, no nosso caso a dança, a partir da Metodologia Crítico Superadora, focando a relevância social dos conteúdos para a efetivação da nossa proposta de intervenção. Finalizamos o artigo, levantando algumas impressões e apontamentos para discussão, realizando uma reflexão sobre o currículo colocado dentro das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Física e sua influência no processo de formação humana.

O Brasil hoje e a Escola neste contexto.

Vivemos hoje em um país de desigualdades sociais, de contradições, onde temos uma minoria no poder que dita as regras para manter a ordem social vigente, e uma maioria que se encontra em estado de miséria social, sem acesso a condições básicas de sobrevivência como moradia, alimentação, educação e saúde. Passamos por um momento de fragilidade, nossos direitos são tratados como serviços não só prestados, mas que devem ser adquiridos na estrutura e na lógica do mercado, há uma privatização

dos direitos da população. Há pouca resistência frente ao aprofundamento de tanta exploração, e colaborando com esta realidade, encontramos no Brasil um governo eleito que tem na história de seu partido a construção de uma trajetória democrática popular, mas que demonstra na prática continuar aprofundando políticas públicas neoliberais que já vêm sendo implantadas no país com mais intensidade na última década. Concordo com GENTILI (1996: sp) quando afirma que:

(...) a grande operação estratégica do neoliberalismo consiste em transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado questionando assim seu caráter de direito e reduzindo-a a sua condição de propriedade. É neste quadro que se reconceitualiza a noção de cidadania, através de uma revalorização da ação do indivíduo enquanto proprietário, enquanto indivíduo que luta para conquistar (comprar) propriedades-mercado-rias de diversas índoles, sendo a educação uma delas.

A educação hoje procura a qualificação de uma/um nova/novo trabalhadora/trabalhador atento à “integração, à qualidade e à flexibilidade, que se constituem como elementos chave para dar os saltos de competitividade e produtividade” (FRIGOTTO, 1999: 43). Para isso é

imprescindível que em nosso cotidiano tenhamos afirmados valores de competição e individualismo. Qualquer necessidade pautada coletivamente seria o mesmo que passar por cima de direitos individuais, de desejos pessoais, ferindo desta forma a necessidade de cada um. Estamos diante de uma lógica que prega que todos temos condições e liberdade para fazer o que queremos; atingirão seus objetivos os melhores, terão emprego os mais qualificados...

A Escola está inserida neste contexto e seus ideários buscam manter a sociedade da forma como ela está organizada; a burguesia sobrepujando a classe trabalhadora. Segundo GENTILI (1996: sp):

O aumento da pobreza e da exclusão conduzem à conformação de sociedades estruturalmente divididas nas quais, necessariamente, o acesso às instituições educacionais de qualidade e a permanência nas mesmas tende a transformar-se em um privilégio do qual gozam apenas as minorias. A discriminação educacional articula-se desta forma com os profundos mecanismos de discriminação de classe, de raça e gênero historicamente existentes em nossas sociedades.

Sabemos que a estrutura em que estamos inseridos dita a ordem social, mas como professores e professoras nos propomos a construir

uma resistência frente a estes ideais de educação hegemonicamente implantados hoje; e que não só a Educação Física, mas que a escola e a sociedade, necessitam redesenhar suas propostas para atender aos interesses das classes populares, para construir outras práticas culturais, novas relações humanas. Dessa forma, devemos buscar contribuir na formação de cidadãos críticos, autônomos e conscientes, capazes de intervir na realidade, que possam romper com estes mecanismos de discriminação apontados.

A nossa Escola está localizada em um bairro de classe média de Curitiba, no entanto as crianças que freqüentam a escola, em sua maioria, não moram nele e sim em comunidades que ficam no seu entorno e que já foram, ou ainda são, ocupações urbanas irregulares, sendo assim, têm uma realidade precarizada em relação ao local da escola em que estudam. Encontramos uma escola que não se difere da realidade da educação pública brasileira: estrutura precária e condições mínimas para o processo de ensino/aprendizagem.

Prática de Ensino: O impacto com a realidade da escola.

Após seis semestres do Curso em Licenciatura, finalmente teria

um contato real com a escola, a construção de um vínculo com as turmas com quem iria trabalhar, não como intervenções “relâmpago” que tivemos durante os semestres anteriores nas quais não contribuíamos com a formação das/dos alunos/alunas, pois acabávamos por intervir num espaço de tempo muito curto, sem criar vínculos e sem pensar profundamente a nossa própria prática pedagógica.

Ao passar por um currículo fragmentado entre Licenciatura e Graduação (bacharelado), o mínimo esperado era um contato maior com a escola durante o curso (pois optei pela licenciatura), o que de fato não ocorreu. No sétimo semestre, iniciamos a Prática de Ensino em Educação Física A, escolhemos a escola onde iríamos intervir e deveríamos passar 3 horas aula na mesma. Decidi acompanhar duas turmas, uma de quinta e outra de sexta série, totalizando quatro horas aula, por entender que não seria bom, acompanhar uma turma sem completar a carga horária total da Educação Física da própria turma, pois realizaria um trabalho fragmentado, prejudicando assim a formação das crianças.

Após realizarmos a observação no primeiro semestre a professora da disciplina, na universidade, pediu afastamento; ficamos, no segundo semestre, dois meses sem aula de Prática de Ensino. Enfrentamos neste momento, mais uma vez,

a problemática do sucateamento do ensino superior público, no qual entre tantas questões, a falta de professores já é cotidiana. Decidi continuar realizando as observações na escola, mesmo sem ter aula da disciplina na faculdade, entendendo a importância em manter o compromisso assumido com a Educação Física na escola, com cada criança e adolescente das turmas e a importância da Prática de Ensino para minha própria formação, já tão fragmentada pela realidade do curso e da universidade.

As observações iniciaram... Assistir as aulas da professora na escola, pautadas na metodologia Crítico Superadora, fizeram-me refletir que realmente podemos, na prática, pensar a Educação Física de forma diferenciada. Ginástica, jogos e esportes foram os conteúdos que observei durante o primeiro semestre. A história, a técnica e a reflexão sobre cada conteúdo estavam presentes em todas as aulas. No dia 26 de setembro, com as anotações no DO, podemos notar esta relação na aula de rodízio no voleibol:

Hoje quando estávamos na quadra vivenciando o rodízio, uma das crianças pergunta a importância do Rodízio, a professora da turma responde que é importante experimentarmos todas as funções na quadra, assim como na nossa vida, na escola,

temos diferentes funções, mas devemos tentar passar por todas, para aprendermos cada vez mais.

Como pensamos nossas aulas e como decidimos o conteúdo? Após quase seis meses de observação, decidimos trabalhar com expressão corporal e dança, pois o conteúdo ainda não havia sido desenvolvido na disciplina, no ano, e seria um desafio trabalhar com ele.

Durante a graduação, tivemos apenas um semestre de dança, sem poder vivenciá-la, sem pensá-la como conteúdo pedagógico; o que não me tornou capacitada para trabalhar com a mesma; percebi o quanto somos despreparados para sair do curso nos meus últimos semestres dentro da universidade, quando cursei a prática de ensino e enfrentei a realidade da escola.

Por que a Dança como conteúdo da Educação Física?

Consideramos a dança parte da cultura historicamente produzida pela humanidade. Expressão do ser humano, das diferentes culturas, etnias, épocas, sentimentos, emoções e hábitos dos povos (COLETIVO DE AUTORES, 1992: 82). A dança também é parte da Cultura Corporal e este conhecimento não pode

ser negado na escola e na vida das crianças. Conhecer e respeitar as diferentes culturas do nosso país, olhar para as nossas danças populares como formas de resistência construídas pela classe trabalhadora, como forma de expressão frente à repressão vivida cotidianamente.

Nesse sentido deve-se entender que a dança como arte não é uma transposição da vida, senão sua representação estilizada e simbólica. Mas, como arte, deve encontrar os seus fundamentos na própria vida, concretizando-se numa expressão dela e não numa produção acrobática. (COLETIVO DE AUTORES, 1992: 82).

Problemas relativos ao gênero estiveram presentes nesta temática. A expressão de que o “homem não dança”, percebemos no momento em que nos propusemos a trabalhar com a dança nas turmas, a partir da reação das próprias crianças. No entanto, ao tratarmos do Hip Hop, e de sua dança, o break, mais próximo da participação masculina, nas periferias dos grandes centros urbanos, como Curitiba, pudemos possibilitar uma reflexão acerca deste estigma, ainda que de forma sutil.

A escola pode a partir da dança, possibilitar a apropriação crítica do conteúdo e refletir a partir

deles a realidade social de cada uma/um, tendo o papel de instrumentalizar e construir o conhecimento que possibilitará a educação de seres sociais que intervirão na realidade que os cerca (MARQUES 1997: 63).

Durante o ciclo de Iniciação à Sistematização do Conhecimento, de 4ª a 6ª séries do Ensino Fundamental (séries de nossa prática de ensino), o COLETIVO DE AUTORES, 1992, propõe para o trabalho com a dança:

(...) Danças com interpretação técnica de representação de temas da cultura nacional e internacional e (...) com conteúdo relacionado à realidade social dos alunos e da comunidade. Sugere-se estimular a identificação das relações dos personagens da dança com o tempo e a construção coletiva dos espaços de representação e coreografias.

A temática da dança não é muito comum na Educação Física Escolar, pois muitas vezes a disciplina fica restrita à prática de Esportes (basquete, futebol, vôlei e handebol). É importante também que façamos o resgate do conteúdo do Ciclo de Organização de Identificação da Realidade, de 1ª a 3ª séries do Ensino Fundamental, desenvolvendo assim danças com a interpretação de temáticas sugeridas, a construção coletiva de coreografias e a

participação no processo de avaliação individual e coletivo. (COLETIVO DE AUTORES, 1992: 84).

Pretendíamos, principalmente, possibilitar a vivência da dança pelas crianças, a experimentação, a oportunidade de dançar, sem um desenvolvimento técnico avançado e formal. Queríamos também fazer com que as próprias crianças resgatassem a história da dança, o respeito à Cultura Popular e o respeito à Cultura Brasileira.

Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio, do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania. (COLETIVO DE AUTORES, 1992: 83).

Queríamos tornar possível que cada estudante construísse sua própria identidade, mas não deixasse de se enxergar dentro do contexto da vida em sociedade; vendo também a dança e a si mesmos como partes de uma história de luta, dificuldades, resistência junto à possibilidade de construção de outras relações mais humanas que auxiliem no processo de transformação da nossa sociedade.

A partir desta reflexão, construímos nosso plano de ensino e o planejamento de cada aula, com

o objetivo de conseguir trabalhar os seguintes eixos dentro da dança:

1. Construção do instrumento musical chocalho, vivência de ritmo e apresentação do ritmo construído em grupo.
2. Trabalho individual, pesquisa sobre as Danças Populares do Brasil, construção de um livro com as pesquisas.
3. Estudar o Hip Hop, sua história refletindo sobre a nossa realidade. Elaboração de coreografia em grupo.
4. Construção de redação sobre dança e cultura Afro (ou da vivência no conteúdo da dança).

Também procuramos “re” pensar a prática de avaliação, para que esta fosse coerente com a proposta de Educação Física explicitada até agora.

A avaliação de forma alguma pode significar a “prova” que pune e exclui aqueles considerados “não aptos” por não conseguirem realizar uma atividade proposta. O insucesso não foi critério de avaliação, as crianças passam por diferentes momentos e realidades, aprender a refletir a partir da tentativa e do considerado erro é imprescindível.

(...) tem que se admitir a necessidade de uma reconsideração do sentido do insucesso e do erro nas

avaliações em Educação Física, buscando muito mais entender os seus determinantes, explicá-los e, coletivamente, construir desempenhos corporais interessantes e adequados ao aluno, ao grupo e ao projeto pedagógico da escola (COLETIVO DE AUTORES 1992: 105).

Outro aspecto importante a ser enfatizado é o de que a criança necessita saber como está sendo avaliada e obter o retorno da professora/professor sobre sua avaliação. Fazer da avaliação parte do cotidiano escolar torna a mesma componente do conteúdo das aulas e não só o elemento final, considerado chato e punitivo, do conteúdo abordado.

Escolher o conteúdo e a forma como este será trabalhado, organizar e sistematizar os conteúdos, não pode ser só uma tarefa a mais no cotidiano de ser professora e professor, os conhecimentos são construídos historicamente e a forma como o tratamos reflete não só a nossa concepção de Educação Física escolar, mas também nossa concepção de formação e de sociedade. Os conteúdos fazem parte da história da humanidade e devem ser assimilados na escola, sem colocarmos de lado a realidade social encontrada.

Utilizar diferentes referências, contrapor a sistematização dos saberes, tornar possível que a/o estudante reflita a partir do saber popular "senso comum", reconhecendo o conhecimento científico como

resposta a inúmeras questões que aparecem em seu cotidiano, que ela/ele seja capaz de ultrapassar este senso comum e "construir formas elaboradas de pensamento" (COLETIVO DE AUTORES, 1996 : 32).

O conteúdo deverá ter uma relevância social a ser trabalhada, isso não significa desenvolver temáticas que agradem às/aos alunas/os, e sim tratar o conhecimento de forma que ele tenha um sentido à realidade social encontrada, que a partir dele possamos refletir sobre as nossas condições na sociedade, no bairro, na escola; e nos reconhecer dentro da temática abordada. A relevância social dos conteúdos significa:

Compreender o sentido e o significado do conteúdo para a reflexão pedagógica escolar (...) deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social (COLETIVO DE AUTORES 1996: 31).

Iniciamos o trabalho com o ritmo e a construção do instrumento musical. Após a construção do instrumento musical e da experimentação do mesmo, passamos a pesquisar as danças populares do Brasil, o que, de início, não teve aceitação das turmas. Escolhemos entre todas as manifestações cul-

turais que apareceram nas pesquisas sobre o Hip Hop para ser desenvolvido nas próximas aulas. Muitas crianças dançavam break em suas comunidades o que tornou o conteúdo socialmente relevante para todas. Como trabalho final, divididas(os) em pequenos grupos, houve a construção e a apresentação de coreografias como a proposta colocada no planejamento. O semestre terminou e não conseguimos iniciar o conteúdo da dança Afro.

Trabalhar com o a educação crítica pressupõe algumas questões, entre elas necessitamos que exista "(...) uma interdependência entre educação e realidades sociais e, portanto, compreende a educação como uma das manifestações de condições sociais concretas. Tais condições sociais, no contexto brasileiro, têm características de desigualdade, interesses de classe, divisão social do trabalho. (LIBÂNEO 1987:47). Desde o princípio fomos norteadas por esta questão: a partir da realidade social escolher o conteúdo e construir as aulas de Educação Física na prática de ensino.

Apontamentos para discussão: um relato que é só o começo...

O retorno das crianças em relação às aulas foi além do esperado, o vínculo com a escola e com as/

os alunos/alunas que perguntaram se eu iria dar aula na escola, no ano de 2006, foi criado. Passar ao menos um ano letivo na escola é indispensável para a nossa formação humana. A Educação Física é parte da educação e é fundamental para a formação de cada criança, ser trabalhada de forma a superar as condições existentes nesta sociedade de classes desiguais em que estamos inseridos. O período foi curto, gostaria de ter trabalhado tudo o que havia planejado, mas o tempo das aulas e das crianças nem sempre é igual ao que imaginamos... Notei também que o olhar das outras professoras e professores da escola ainda é o da Educação Física como momento de recreação das crianças, sendo um conteúdo "a parte" do restante das disciplinas. Cabe a nós também modificar esta percepção sobre a Educação Física no currículo da escola. A integração das disciplinas é necessária para que as/os alunas/os possam relacionar todo o conhecimento adquirido na escola com a realidade.

Negar a dança como conteúdo, significa negar um conhecimento historicamente construído e a possibilidade de quebrar "tabus" da nossa sociedade como o de que o homem não dança, de que dança é coisa de menina. Questões de gênero, cultura estão intimamente ligados ao trabalho com a dança na

escola, e mesmo sem ter experiências anteriores tentei desenvolver tal conteúdo na escola e não negar este conhecimento na vida de cada criança e adolescente, com quem me envolvi durante a prática de ensino. Finalmente, acho que descobri que ser professora é realmente muito mais do que dar aula é ser companheira e tentar através do espaço educacional formar pessoas preocupadas em construir uma sociedade realmente humana, justa e igual para todas/todos, que hoje tenho clareza de dizer que é a Sociedade pautada em um projeto histórico socialista.

A reflexão sobre a minha formação já dicotomizada entre licenciatura x bacharelado, é finalizada com a prática de ensino, uma disciplina que deveria ser o eixo da nossa formação, é colocada nos últimos semestres da graduação, assim cheguei ao final do curso só conhecendo anteriormente a escola devido à participação em projetos de extensão e no movimento estudantil.

Relatar esta experiência significa, além de refletir sobre a prática pedagógica na escola, também problematizar e repensar o currículo em Educação Física que hoje se encontra fragmentado e desconexo. A prática pedagógica permeia a nossa relação profissional independente da área de atuação, somos professoras e professores; assim a Prá-

tica de Ensino deveria estar presente em nossos currículos como eixo articulador do conhecimento no curso de Educação Física.

Finalizo este relato de experiência entendendo como necessário o contato direto dos/das estudantes de Educação Física do Brasil com a prática supervisionada desde o início do curso. Ultrapassar as dicotomias presentes na Educação Física não é uma tarefa fácil, mas cabe a nós junto aos oprimidos, enfrentarmos os opressores por uma formação crítica em Educação Física, voltada para a superação da sociedade de classes. O contato com a realidade escolar e a experiência com a docência significaram para mim um pouco de resistência frente à realidade, pois a possibilidade de auxiliar no processo de formação da humanidade significa também pensar este processo de maneira diferente; esta foi e é a minha proposição como professora.

Referências

- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Editora Cortez, 1992
- CADERNO DE DEBATES. A escola como território de luta. IV Conferência Estadual de Educação da APP – Sindicato 2005.

- FRIGOTTO, G. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILLI, P.; SILVA, T (orgs). Neoliberalismo, Qualidade total e Educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GENTILLI, P. Neoliberalismo e educação: Manual do usuário. In: Escola S.A. Brasília: CNTE, 1996.
- LIBÂNEO, C. J. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- PINTO; M. F. A Prática de Ensino nos cursos de formação de professores de Educação Física. In: VAZ, A.; PINTO; M. F. (orgs.). Educação do Corpo e formação de professores: Reflexões sobre a Prática de Ensino de educação Física. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- MARQUES A.I. Dançando na Escola. Motriz, Vol 3 (1): 20-28, junho 1997.

Contato: Melina Silva
Alves
Endereço: Leonor
Castellano, 763 – Pilarzinho.
Cep: 82120-330 -
Curitiba/Paraná.
Email:
melmeef@yahoo.com.br

Recebido: maio/2006
Aprovado: ago/2006